



Benguella.

Quando, após as audaciosas navegações dos descobridores portuguezes, assoberbavamos o mundo com o poder das suas espadas, e levavamos á sombra da cruz o dominio de Portugal até os confins do remoto oriente, eram tantos os paizes a que dictavamos a lei e que tinhamos de explorar, que quasi parece impossivel que d'este cantinho da Europa, se governassem tão largas e tão distantes colonias! E comtudo, o mecanismo da administração, era de certo mais simples e menos desenvolvido do que actualmente!

Mas, o que, com certeza, succedia, como resultado immediato de tão vasto imperio, é que consideravamos algumas d'essas terras como filhas dilectas da mãe patria, em quanto que desprezando outras como enteadas, deixamos-as á revelia seguir a passos mais que lentos, no caminho da civilização. Depois, quando já n'este seculo chegaram as horas d'atribulação, e que nos vimos reduzidos sómente ao que até ahí — se não desdenharíamos como inutil, ao menos abandonamos como de pouco preço — começaram os gritos e os lamentos, continuam os choros e as vociferações, e tudo é dizermos que as colonias não rendem, que não dão fructo, que são um onus para a metropole!

Se não semeáramos como queríamos colher?

Todos, ou quasi todos os esforços se haviam empregado para a America, deixava-se tudo mais por ella; e quando além soou a hora da independencia, e que as náos dos quintos deixaram de subir o Tejo, offegantes com o peso do seu ouro, velámos os olhares da scena do mundo a que não podíamos já deslumbrar com o luzir das pedrarias.

Perdido o Brazil julgamo-nos perdidos, porque nenhuma das outras colonias se achava em estado de nos dar igual producto; e se depois o interesse nos tem feito lançar ávidas vistas por sobre a nossa Africa, tem vindo as mais das vezes a incuria, ou a inepecia, fazer dar de mão a quantos proveitos reaes d'ella poderíamos tirar.

Considerava-se o Brazil como a fonte de todas as riquezas, e a Africa só como viveiro aonde se buscavam os trabalhadores que lá se precisavam. Era esta a maneira de então olhar as cousas, e desgraçadamente para Portugal, ainda muitos não as olham por outra forma.

Temos sido descuidados e muito, modernamente na administração das colonias, mas o estado de esmorecimento em que ellas ainda se encontram, é mais do que a isso, devido ao uso em que muitos dos nossos se po-

zeram — de ganhar muito, com pouco trabalho — e por tanto julgaram a Africa só criada para a exportação de braços!

A escravatura tem sido o cancro roedor das provincias de Angola e Moçambique.

Corre n'alguns escriptos, já com fóros de verdade demonstrada, que Portugal não fôra fadado por Deus para nação colonizadora, e ainda que o estado geral do nosso ultramar dê alguma razão de ser a este dito, comtudo pôde elle soffrer séria contestação. Aquelles que avançam uma proposição tão offensiva dos nossos brios como nação que descobrio meio mundo, e que primeiro d'entre as modernas formou colonias, apontemos-lhe para o Brazil, a que em menos de tres seculos fizemos quasi o que é, desbravando terrenos, levantando e povoando cidades e villas, fundando engenhos e escolas, civilizando os naturaes, ligando a sua historia intimamente com a nossa até a data da independencia, e enfim tornando aquella terra tão homogênea com a mãe patria, que não pareciam separadas por toda a largura d'um oceano.

Deve-se crer, pois, que muito podemos ainda fazer pelas nossas provincias africanas, se e que não degenerou a raça dos portuguezes d'outr'ora.

Vai longo o prologo, para quem tem de tratar só do que representa a estampa da frente do artigo; mas é que não se pôde fallar das nossas cousas esquecidas de alem-mar, sem occorrerem as reflexões geraes que em resumo fizemos.

A cidade de S. Filippe de Benguella, capital do districto de Benguella e segunda da Africa portugueza áquem do Cabo na costa occidental, está situada por doze graus e meio de latitude ao sul do equador, quasi a meio caminho entre Ambriz e Mossamedes, pontos extremos do litoral, em que hoje verdadeiramente dominamos; ainda que reservando sempre os nossos direitos de descobrimento e conquista, muito além d'estes limites quer para o norte, quer para o sul.

Pela sua situação, é, pois, um ponto importante para o commercio de cabotagem n'aquella extensa costa, embora abstrahindo da riqueza agricola e mineira do seu districto, e de ser o sitio aonde principalmente corre todo o negocio da nossa Africa central. Não pôde, pois, jamais deixar de ser cidade de importancia commercial, apesar do seu mau clima, e ainda das idéas de muitos que julgavam a colonia mais moderna de Mossamedes, destinada a roubar-lhe toda a consideração.

O clima é na verdade bastante mau, mas ha muitos

outros pontos do globo que o tem ainda peor, e aonde contudo florescentes cidades se ostentam garbosas da sua riqueza e poderio. Sirvam de exemplo, Bombaim, Calcutá, Batavia.

Benguella soffre das causas geraes aos climas africanos, e ainda mais particularmente das da sua posição, que a topographia do local basta para indicar.

Collocada a cidade no reconcavo d'uma larga bahia, sobre os terrenos alagadiços da extensa baixa, que separa a praia das elevadas montanhas do interior, esta portanto sujeita ás emanações pestilenciaes de quantos pantanos formam as aguas represadas, que as chuyas torrencias despenham das alturas, e que so morosamente se infiltram pelas areias barrosas do solo. É bem lavada de ares pelos ventos mareiros da viração, mas estes em geral carregados de humidade, não são por isso muito sadios, e mesmo se varrem os miasmas para fóra da cidade, embatem logo contra as chapadas dos montes que formam como a parede do fundo a planicie, e d'onde a noite as brizas do terral os acarretam novamente para cima das habitações.

Tiradas as poucas horas em que sopra a viração, respira-se uma athmosphera paludosa, anda-se cercado d'um ambiente humido de vapor, e quasi que se palpa um ar grosso e pesado de gazes irrespiraveis, que, contudo, é agradável de perfumes, das exhalações balsamicas de mil plantas tropicaes.

A cidade é pouco espaçosa e não tem grande numero de casas elevadas, mas com as suas cercanias cheias de hortas ou fazendas verdejantes de cultura, torna-se bonita e de apparencia pitoresca.

Para quem anda crusando ao longo da desolada costa d'África, encontrando só com a vista áreas adustos, ou na maior parte dos sitios encostas escaldadas e ribanceiras nuas de verdura, é aprazível, vindo do norte, demandar o porto de Benguella, costear as salinas do Lobito, rastejar pela povoação da Catumbella toda cercada de luxuriante vegetação e coroada pelo seu pequeno forte a meia subida da montanha, e por fim dar fundo defronte da cidade de S. Philippe, vendo na frente do quadro algumas casas de agradável apparencia, depois os arvoredos e as hortas, tudo fechado ao fundo pelas serranias áridas que vão terminar ao sul no morro do Sombreiro, e por cima das quaes campeam altivas a entestar com as nuvens, as cordilheiras negras que domina o Pão d'assucar!

O morro do Sombreiro, bem conhecido de todos os navegantes d'aquellas paragens, é uma montanha de mediana altura, perto da borda d'agua, e a qual a natureza caprichosa se divertio a talhar o pincaro por forma, que de todos os lados que se veja parece um barrete de clérigo, assente e cobrindo o apice d'um monte pyramidal de larga base. Todos os navegadores procuram nos diversos sitios do globo, pontos ou marcas de formas conhecidas, que sirvam de indicação de lugar; mas não ha em parte alguma, nenhum de mais facil reconhecimento do que o morro do Sombreiro.

O nome provem, pois, do seu aspecto geral, e não, como disse um distincto escriptor nosso, n'uma obra official, d'um monte de arvores que tenha no cume com parencas de barrete de padre.

Houve outr'ora a idéa de collocar sobre a planura do Sombreiro, um farol que servisse de guia a quem demanda o porto de noite vindo do sul, para assim com mais facilidade se evitarem sinistros possiveis na praia das Salinas; mas este pensamento, como em geral todos aquelles de alguma utilidade, foi abandonado, e só restam lá no alto como padrão d'incuria, as ruinas inglorias da casa do fareleiro.

O porto ou bahia de Benguella é máo; não tanto por se achar exposto e desabrigado de todos os ventos desde oessudoeste pelo norte até o nordeste, que poucas vezes são demasiadamente frescos, como principalmente por estar sujeito ás terriveis *calémas*, que difficultam sempre, e impedem por vezes as communicações com a terra.

É a *caléma* o esbravejar das vagas nas proximidades da praia, atirando-se depois sobre ella em alvos lençoes de espuma; succedendo por vezes que se levantam tão magestosos rollos de mar, que ao desdobrar-se necessa-

riamente embrulham e quebram tudo que encontram na sua marcha altiva para a praia.

Nada ha na sciencia, que explique ainda satisfatoriamente este phenomeno das *calémas*: que nada dependem da braveza do oceano, porque este muitas vezes a pouca distancia da costa está lizo como um espelho, em quanto na praia ostenta todas as suas furias; nem das correntes, porque estas continuam ao longo da costa a sua marcha constante para o norte, sem desviarem caminho por causa d'ellas; nem das marés, porque não apparecem em periodos determinados, nem reconhecem como causa primaria as attracções lunares; nem mesmo, como alguns tem dito, dos temporaes do cabo da Boa-Esperança, porque então devia sentir-se fóra o mar *escandalizado* do temporal o que não se dá, e ainda mais deviam as *calémas* ir diminuindo de força successivamente para o norte, o que tambem não succede, pois que se dá o caso de haver *caléma* bravissima ao norte, conservando-se as praias do sul na mais perfeita quietação.

Seja o que fór que motive as *calémas*, é um facto averiguado para todos os habitantes da cidade, e para os frequentadores do porto de Benguella, que as grandes *calémas* d'outro tempo são hoje ali muito mais raras; apparecendo com longos intervallos, e não sendo mesmo da força e valentia que então tinham.

Ao contrario, nas praias do norte tem augmentado; e ainda o anno passado (1865), na contra costa da ilha que fecha o porto de Loanda, batiam as *calémas* com tal furia que varavam ao outro lado interior, e chegavam a cercar a casa do negociante Flores, em que habitava s. ex.^a o governador Andrade.

Não havia memoria ou noticia de caso semelhante, e diziam os antigos de Loanda, que era a primeira vez que se dava. A ilha de Loanda, tem n'aquelle ponto talvez cento e cincoenta metros de largura, e a sua elevação no combro do meio das duas costas, não deve ser de menos de cinco metros acima do nivel do mar.

Não será por ventura este facto, um tanto ou quanto dependente das differencas de nivelamento dos fundos? por terem as aguas accumulado areias para um lado, e roubado n'outros.

As proximidades da praia do fundo da bahia de Benguella, podem ser hoje menos esparceladas do que antigamente, o que não daria tanto lugar á subida successiva das ondas, maneira porque os sabios francezes explicam o *mascaret* da foz do Senna, que deve ter muita semelhança com o desenrolar da *caléma*. Isto é possivel; porque hoje encontram-se no porto alfaques, ou corças de areia e lodo, de que não fallam os velhos roteiros; e que, quem sabe se servirão como de quebramar? É esta uma questão que demanda sério estudo, e que não vem para aqui a proposito d'uma simples noticia descriptiva.

C. E. CORREA DA SILVA.

(Continua)

O CONDE ALLAMISTAKEO

Tendo-nos escutado com muita attenção até o fim, o conde começou a contar-nos algumas anedotas que nos provaram claramente que os prototypos de Gall e Spurzheim tinham florescido e descaído no Egypto, mas em uma época tão antiga que a lembrança d'ella estava quasi perdida, — e que os processos de Mesmer eram miseraveis enganos em comparação dos milagres positivos operados, pelos sabios de Thebas, que creavam pulgas e uma multidão de outros seres semelhantes.

Perguntei então ao conde se os seus compatriotas eram capazes de calcular os eclipses. Sorriu-se com certo desdem e affirmou-me que sim.

Isto embarçou-me um pouco; não obstante começava a fazer-lhe outras perguntas relativamente aos seus conhecimentos astronomicos, quando alguem da sociedade, que ainda não tinha aberto a

bôca, me disse ao ouvido que, se eu precisava de esclarecimentos sobre este ponto, andaria melhor consultando um certo Ptoleméo, ou um tal Plutarco, no artigo *De facie lune*.

Questionei então com a mumia sobre os vidros ardentes e lenticulares, e geralmente sobre a fabricação do vidro; mas, não tinha ainda acabado, já o meu silencioso camarada me tocava com o cotovello, e me pedia, pelo amor de Deus, que lançasse um olhar sobre o Diodoro de Sicilia. Quanto ao conde, perguntou-me simplesmente, se nós outros modernos, possuíamos microscopios que nos permittissem gravar agathas finas com a perfeição dos egypcios. Em quanto eu procurava uma resposta, o pequeno doutor Alexandre aventurou-se a uma coisa muito extraordinaria.

—Veja o nossa architectura, conde,—exclamou elle com grande indignação dos dous viajantes, que lhe puxavam pelas abas do casaco e lhe davam belliscões, mas sem conseguirem fazel-o calar.

—Vá vêr, conde, continuava elle com grande entusiasmo, o magnifico pedestal do grande monumento que os lusos tencionam erguer á memoria do immortal cantor das nossas antigas façanhas; veja tambem as costas do palacio das côrtes, obra soberba começada sob a inspirada direcção de um dos nossos mais distinctos personagens!

E o pobre homem, sem attender a coisa alguma, levado pelo seu patriotismo e idéas progressistas, foi até descrever minuciosamente o edificio em questão. Mostrou que o portico tinha sufficiente largura para poderem entrar, sem inconveniente, os pares da nação; marcou a dimensão e a distancia das janellas; e enfim, disse o numero d'estas, das portas secundarias e de columnas que se encontram em todo o edificio.

O conde disse que sentia não poder lembrar-se n'aquelle momento da dimensão precisa de algumas das principaes construcções da cidade de Aznac, cuja fundação mergulhava na noite dos tempos, mas cujas ruinas existiam ainda de pé, na época do seu enterro, em uma vasta planicie de arêa ao oeste de Thebas. Tinha, comtudo, uma idéa vaga, a respeito de porticos, que havia um de segunda ordem em uma especie de villa chamada Carnac, formado de cento e quarenta e quatro columnas de trinta e sete pés de circumferencia cada uma, e distantes umas das outras vinte e cinco pés. Chegava-se do Nilo a este portico por uma alameda de duas milhas de comprimento, formada por sphinges, estatuas, obeliscos de vinte, sessenta e cem pés de altura. O palacio, em si, teria umas cinco milhas de comprimento; no todo não tinha menos de doze. Não pretendia afirmar que dentro das suas paredes se poderiam edificar mil ou mil e quinhentos palacios de côrtes; mas parecia-lhe que não haveria grande difficuldade em pilhar ali, d'estes, tres a quatro mil. Este palacio de Carnac, a final de contas, era uma insignificante construcção. Não obstante, o conde não podia, em consciencia, deixar de reconhecer o estylo engenheiro, a magnificencia e a superioridade das

costas do palacio das côrtes, tal como o doutor as descrevera. Era forçado mesmo a confessar que nunca tinha visto no Egypto, nem em parte alguma do mundo, um trabalho de tanto effeito e gosto: que só das nossas mãos podia sair uma coisa d'aquellas!

Perguntei então ao conde o que pensava dos nossos caminhos de ferro.

—Cousa alguma de particular, disse elle. Vejo que tem sido um sorvedouro de milhões; mas acho-os fracos, mal concebidos, e de grosseira construcção. Não podem ser comparados com as vastas calçadas guarnecidas de encaixes de ferro, horisontaes e directos, sobre os quaes os egypcios transportavam templos inteiros e obeliscos maciços de cento e cincoenta pés de altura.

Fallei-lhe das nossas forças mechanicas. Conveio que sabiamos fazer alguma coisa n'este genero, mas perguntou-me como procederiamos nós para collocarmos as impostas sobre as vergas das portas do mais pequeno palacio de Carnac.

Julguei mais acertado fingir que não ouvia esta questão, e perguntei-lhe se tinha alguma idéa dos poços artesianos; mas elle simplesmente franziu as sobrancelhas, em quanto que o padre Gilberto me fazia um signal com os olhos muito pronunciado, e me dizia em voz baixa que os engenheiros encarregados de explorar o terreno para achar agua no Grande Oasis tinham descoberto um muito recentemente.

(Continua)

OS REIS E RAINHAS D'INGLATERRA

Desde a conquista até 1688

Os homens collocados no cume da sociedade deveriam considerar que são elles, particularmente, quem tem obrigação de dar o exemplo de uma vida honesta; porque, debaixo sempre das vistas de todos, estão destinados, quer seja da sua vontade, quer não, a servirem de modelos. Por que fatalidade, pois, estes homens, quasi em todos os tempos, tem estado abaixo da mais mediocre e mais vulgar moralidade? Por que motivo muitos d'entre elles tem sido os primeiros a darem o exemplo dos vicios mais despreziveis, dos mais nefandos crimes?

Eis o excerpto de um livro no qual um notavel historiador (1) pinta em rapidos traços (somente no sentido de lealdade e humanidade) o procedimento dos reis e rainhas de Inglaterra desde a conquista dos Normandos até a revolução de 1688, que fundou a liberdade ingleza.

«Não são, diz elle, senão revoluções domesticas e parricidas: filhos contra paes, irmãos contra irmãos.

«Roberto, filho primogenito do conquistador, começa por atacar seu pai. Depois é desapossado por seus irmãos mais novos: Guilherme II toma-lhe a Inglaterra; Henrique I, leva-lhe com a Inglaterra a Normandia e conserva-o vinte e oito annos em uma prisão. Henrique II suplanta a raça d'Estevam, e acaba o seu reinado no meio da revolta de seus filhos, Ricardo e João.

«João mata seu sobrinho Arthur; seu filho

(1) H. Wallon: Richard III, episodio da rivalidade da França com a Inglaterra.

Henrique III não escapa ás guerras de familia senão para cair nas guerras civis. Eduardo I consegue livrar-se d'ellas e morre naturalmente; mas Eduardo II é desthronado e assassinado por sua mulher, desejava poder dizer sem a menor conivencia de seu filho Eduardo III.

«Ricardo II, o neto e herdeiro de Eduardo III, é derrotado e morto por seu primo Henrique de Lancastre (Henrique IV); Henrique VI, por Eduardo d'York (Eduardo IV); os filhos d'Eduardo pelo rei Ricardo III; Ricardo III, por Henrique VII.

«Henrique VIII, repudiando ou matando suas mulheres, lega uma herança de odios reciprocos e de vingança aos filhos nascidos d'estes matrimonios; — Eduardo VI, que prepara pela desgraça os reinados violentos de suas duas irmãs; — Maria que mata Joanna Grey, e persegue Isabel, — Isabel, que manda matar Maria Stuart, a mãe do seu proximo herdeiro.

«A casa de Stuart sobe ao throno pelos degraos tintos do seu proprio sangue (depois d'uma revolução e uma restauração)... E na sua qualidade de genro, é em nome e com a cumplicidade da filha de Jacques II, sua mulher, que Guilherme d'Orange a expulsa em 1688.»

Que horrivel historia! E é somente a dos crimes! Que seria se se lhe accrescentasse, por exemplo, a dos costumes! Não é, realmente de uma grande felicidade que em Inglaterra, como nos de mais paizes, a maioria dos cidadãos tenha sido quasi sempre melhor que os seus soberanos? Se assim não fosse a sociedade humana ha muito não existiria.

A verdade é como o orvalho do céu: para a conservar pura, é mister recolhê-la em vaso puro.

B. DE SAINT-PIERRE — La Chaumiere.

O CUSCUS

A palavra — Os habitantes da Africa septemtrional comprehendem em geral sob esta denominação toda a especie de manjar composto de farinha branca ou parda e cosido a vapor no *keskass*, vaso semelhante a uma escudella cujo fundo fosse crivado de muitos buracos.

A. Cherbonneau, director do collegio imperial arabe-francez em Alger, pensa que a palavra *cuscus* ou *kuskus* é uma onomatopéa. As letras e syllabas que a compõem só servem para imitar a bulha produzida pelo vapor quando os grumos de farinha passam atravez dos buracos do vaso.

Preparação do cuscus. — Depois de terminada a colheita, as mulheres reúnem em um lugar descoberto e muito isolado a quantidade de trigo rijo destinado para a preparação do cuscus. Este trigo é completamente molhado, e depois posto ao sol em monte coberto com pannos humidos. No fim de algumas horas, estando o grão bem inchado, e sem esperar que comece a germinação, estende-se em cama delgada, sobre *haïks* ou em terreno batido. Quando a dessecação está muito adiantada, passa-se o grão por entre duas mãos de calcareo rijo. A mó superior é movida a braço, ordinariamente por uma mulher; os grãos são só reduzidos a fragmentos da grossura de bagos de milho; expoem-se novamente ao sol, e então basta joeiral-o para eliminar as pelliculas. Depois é mettido em pelles de carneiro ou de cabra.

Differentes especies de cuscus. — Contam-se oito especies de cuscus, das quaes eis a definição:

1.º A *berbucha*, segundo o costume dos habitantes de Constantina, prepara-se com farinha escura. É o cuscus mais commum: forma quasi exclusivamente o sustento da classe pobre.

2.º O *medjbur* é feito de massa de primeira qualidade ou de farinha européa. Os grãos d'este cuscus deym ter a grossura do chumbo de caça. Misturam-no com carne de carneiro, gallinhãs, pombos ou perdizes. Depois d'esta primeira operação cose-se mais duas vezes no *keskass*; ajunta-se-lhe então manteiga derretida, e, quando se come, deita-se-lhe caldo (merga).

3.º O *mahwér* prepara-se com os mesmos ingredientes que o *medjbur*, com a differença, porem, que o grão deve ser mais miudo. O *mahwér* mais estimado é o chamado *nemli*, porque se assemelha pela tenuidade dos seus grãos a cabeças de formigas (*nemli*). Adubam-no com carnes frescas, mas nunca com *khelie* ou *kaddide*. (1)

4.º O *harache fi harache* é assim chamado porque a farinha de que se compõe é de grossa moedura. Mui pouco differe do precedente. Preparam-no com carnes frescas, *khelie* ou *kaddide*. O adubo ordinario d'este cuscus é composto de cebolas, sal, pimenta, chicharos e de bolinhas de carne da grossura de uma balla d'espingarda.

5.º O *mesfufe* fabrica-se com a primeira qualidade de frumento. Cose-se do mesmo modo que todos os outros cuscus; somente lhe misturam bagos de passa ou de romã. Quando, para tornal o mais delicado, lhe ajuntam *lebén* (soro de leite) ou leite puro, toma o nome de *barbukr*.

6.º O *mechrub* não é geralmente muito estimado. Quando, em consequencia de abundantes chuvas, a agua tem penetrado nos silos e chega ao trigo que n'elles existe, este trigo embebe-se (*ichrob*) e adquire ao mesmo tempo um gosto agro e um cheiro repugnante. Depois de o ter tirado do silo, põe-se a seccar, moe-se, e é d'esta farinha que se faz o *mechrub*. Assim, este genero de cuscus está longe de ser fino.

7.º Quanto ao *mezeut*, eis de que se compõe: entre os silos, ha alguns cuja terra é boa, e quando se extrae o trigo que ali tem existido dois annos e algumas vezes mais tempo, sem nunca ter sido tocado pela agua, encontra-se adherente ás paredes da cavidade o que os indigenas chamam *mezeut*, uma especie de crosta produzida pela humidade que a terra communica sempre aos grãos que encerra. Esta crosta apresenta uma cor parda e o gosto é levemente assucarado. Faz-se d'ella o *medjebur*. Ao que dizem os Arabes, é um manjar exquisito, o prato dos amigos. O cuscus *mezeut* prepara-se com manteiga fresca e carne de carneiro.

8.º O *aïche* assemelha-se á sopa de arroz, com a differença que os grumos de cuscus substituem os bagos de arroz. Cose-se em calda de damascos seccos, designados no dialecto barbaresco pela palavra *fermasse* (em latim) *firmus*?).

Nas épocas de escasseza, quando aos Arabes faltam o trigo e a cevada, recorrem ao *beguga*, vulgarmente *draconcio* dos Gregos ou mão de vitella (em hespanhol, *el caudil del diablo*). É o pão da fome.

(1) O *Khelie* é uma comida composta de carnes de vaca e de carneiro. O *Kaddide* corresponde á carne salgada.



High-street.

Londres não expressa simplesmente uma cidade na acceção ordinaria d'esta palavra, mas, uma agglomeração de cidades, uma provincia coberta de casas, monumentos e palacios atravessada por um braço de mar. Para o leitor poder formar uma idea adequada do que é a capital da Gran-Bretanha, seria necessario que fizesse um esforço de imaginação e figurasse todo o reino de Portugal convertido, por obra e graça de uma revolução monstruosa, em uma cidade chamada Lisboa, capital da Lusitania, ou a Belgica inteira transformada em Bruxellas, capital da França.

A área de cada um d'estes estados, assim convertidos, seria, talvez, maior, e superior a sua população; mas nem as suas riquezas nem a sua importancia actuaes excedem, não dizemos bem, igualam a riqueza e a importancia de Londres. Aqui ha alguns annos podia perfeitamente applicar-se á metropole de Inglaterra a mesma celebre phrase com que o astuto diplomata de Vienna designava a Italia. Hoje mesmo estamos quasi tentados a dizer que esta capital é uma simples expressão geographica, não obstante Downing-street, as camaras de Westminster e o palacio de Buckingham.

Desejando formar uma metropole digna de tão poderoso imperio, o parlamento inglez, tomou quatro condados e meia duzia de cidades, disse *fiat London* no mesmo tom imperioso em que Deus pronunciou o *fiat lux* ao tirar o mundo do cahos, e criou a capital de Inglaterra.

A cidade de Londres é de todas da terra a mais povoada; conta nada menos de tres milhões de habitantes que despendem annualmente em comida e vestuario 400:000:000:000 de réis. Esta

povoação é uma quarta parte maior que a de Pekin, um terço maior que a de Paris, cinco vezes maior que a de Constantinopla, seis vezes como a de S. Petersburgo, dez como a de Madrid, doze como a de Lisboa, duas como a de Nova York, cinco como a de Vienna, e seis vezes tão grande como a de Berlin.

Uma só linha não interrompida dos edificios d'esta moderna Babylonia, desde Highgate até Camberwell, estende-se na immensa distancia de doze milhas inglezas. E se todos os que contém se pozessem alinhados a um de fundo, bastariam para cruzar com elles a Inglaterra e atravessando o canal da Mancha e o imperio vizinho irem beijar as agrestes faldas dos Pyrenéos. Fazendo andar os seus 3:000:000 de habitantes a dois de fundo, formariam outra linha de 720 milhas que, caminhando a razão de tres por hora, empregariam nove dias e nove noites em percorrer igual distancia.

Um passeio a pé á roda de Londres seria quasi tão laborioso como uma viagem, se possivel fosse, de circumvalação á roda do mundo. O viandante não o poderia effectuar em menos de tres dias, ainda que caminhasse a razão de vinte milhas cada jornada. A sua extensão de norte a sul, é sómente de oito milhas; de oriente a occidente, porém, não conta menos de dezoito. Para formar outra Londres seriam precisas, pouco mais ou menos, cinquenta cidades consideraveis de Inglaterra.

Segundo observa o famoso astronomo Herschell, esta capital occupa quasi o ponto central do hemispherio terrestre, devendo, sem duvida, a esta circumstancia, combinada com a da sua situação insular no caminho real das nações, a sua emi-

nencia commercial. Cidade marítima, mercantil e industrial, contém em si todos os grandes elementos que constituem a verdadeira grandeza dos povos e tornam poderosos os estados. Embora situada nas ourelas do Tamisa, e a 15 milhas do mar, Londres goza de todas as inapreciáveis vantagens de um excellent e seguro porto. A sua área é de perto de 40 milhas quadradas, e entre ruas, praças, travessas, *squares*, os seus habitantes contam dez mil vias de comunicação. A extensão de todas estas ruas postas em linha recta, seria de 3:000 milhas. O numero de ruas com passeios aos lados eleva-se a 5:000 e a longitude d'estas é de 2:000 milhas, cuja construção custou ao governo 67:200:000:000 de réis. Os gastos da sua reparação sobem sómente a réis 8:640:000:000. O numero de casas excede 340:000.

A cidade de Londres gasta, além d'isso, todos os annos, 10:080:000:000 réis na illuminação de gaz, formada por 420:000 luzes, que consomem 14:000:000 de pés cubicos cada noite.

Este gaz é fabricado com 1:000:000 de toneladas de carvão de pedra e circula por uma linha de canos de 2:000 milhas de comprimento. A importação do carvão de pedra no porto de Londres é feita por 12:000 navios e eleva-se a 4:000:000 de toneladas annualmente.

Os canos da agua são quasi tão largos como os do gaz, e distribuem entre a sua povoação cerca de 80:000:000 de galões diariamente d'este liquido.

O porto de Londres estende-se ao longo do Tamisa desde Limehouse até Gravesend, cidade situada na sua margem direita a 30 milhas de distancia. As suas exportações e importações elevam-se a 672:000:000:000 réis por anno, e o numero de navios que ali entram e saem, no mesmo periodo, sobe a muitos milhares. Os direitos das suas alfandegas excedem 11:000:000:000 esterlinos annualmente, apesar das liberaes reformas feitas por Mr. Gladstone.

Londres é o emporio do commercio e o foco de industria maiores do mundo. Uma só casa commercial d'esta poderosa cidade tem effectuado em um anno transacções no valor de 14:400:000:000 réis. Em 1862, um dos seus banqueiros, Mr. Peabody, fez um donativo aos pobres da metropole de 720:000:000 réis. O banco de Inglaterra contém, geralmente, em suas caixas de 76:800 a 86:400:000:000 réis em especie e as suas notas em circulação não importam em menos de 20:000:000 de libras esterlinas. Os empregados d'este estabelecimento monetario, formam um exercito aproximadamente, de mil homens. Os outros bancos da cidade possuem um capital de 336:000:000:000 réis. A somma empregada diariamente nos descontos eleva-se a 384:000:000:000 réis e as companhias de seguros tem segurado um capital que sobe á cifra consideravel de 8160:000:000. Os fundos disponiveis d'estas companhias regulam por 192:000:000:000 réis.

Cosmopolitas em suas transacções mercantis como em suas aventuras, os negociantes de Londres abastecem de objectos diversos uma grande parte do genero humano, e os seus artefactos e manufacturas gastam-se e usam-se em todos os mercados da terra. A civilizada Europa e a joven America, a Africa inculta, a industriosa Australia e a Asia estacionaria, todas as regiões da terra, todos os povos do oriente ao occidente, do Polo

Arctico ao Antartico, rendem, enfim, tributo á energia e á industria dos ricos potentados, que dirigem o commercio do mundo lá dos seus escriptorios, como o general os exercitos da sua tenda.

A industria é tão florescente em Londres como o commercio, e a esta circumstancia deve, sem duvida, a solidez da sua grandeza. O engrandecimento da Grecia antiga estribava-se nos seus sabios, nos seus artistas, nos seus tribunos; o poderio de Roma fundava-se nas suas legiões, e o commercio era a alma da riqueza e o poder da rainha do Adriatico; a força, porém, da Inglaterra está assentada sobre a larga base de todos estes elementos reunidos e uma civilização infinitamente mais elevada sustentada por essas modernas alavancas de Archimedes, chamadas imprensa, electricidade, vapor e liberdade.

A civilização britannica, synthese da da Europa, não morrerá, pois, como morreram as ephemerias e transitorias civilizações antigas. Nenhum Marco futuro sentado sobre as suas ruinas chorará a perda da sua grandeza. Nunca o viajante, apoiado sobre um robusto e troncado pilar da Ponte de Londres, exclamará: «Aqui foi a capital de Inglaterra.»

Não quer isto dizer que a civilização ingleza fosse dotada com a immortalidade do espirito; o que desejamos significar é que a ruina de tão solida civilização arrastaria consigo a destruição do mundo. Um grande escriptor disse que o abalo que destruísse as pyramides do Egypto arruinaria ao mesmo tempo o globo terraqueo. O mesmo se póde dizer do cathaclismo politico ou social que destruísse a civilização da Grã-Bretanha:

(Continua)

MYTHOLOGIA DA NOVA ZELANDIA

A mythologia da Nova Zelandia, tal como a dos outros povos, está composta de um conjuncto de lendas e tradições que celebram as façanhas dos deuses, dos heroes e dos homens em constante e reciproca sympathia. A mythologia é a personificação da crença popular, a religião formada por uma imaginação ignorante. Historias ou conjecturas a respeito da creação do mundo, explicações fabulosas dos phenomenos da natureza, lendas acerca da origem e dos primeiros progressos de cada nação ou das desgraças e aventuras de seres divinos ou semideuses são, em geral, o fundo heterogeneo e caracteristico de todas as religiões pagãs. A mythologia é um producto especial da imaginação e do sentimento, radicalmente distincto da historia e da philosophia. Nem nos mythos da Grecia, nem nas sagas da Scandinavia, nem nas selvagens lendas da America septentrional, nem nas tradições da Nova Zelandia tomadas em seu todo, é possivel reconhecer um systema de symbolização artificial, nem a alteração de um facto historico; umas e outras não são mais do que o resultado produzido na imaginação dos povos pela contemplação dos phenomenos ou das forças da natureza, porque o homem, ainda no estado mais selvagem sente sempre a necessidade de crer em um ente superior a si, embora esta crença seja muitas vezes grosseira e n'ella representemos seus

deuses cheios de defeitos e de fraquezas proprias da humanidade.

Os maoris, ou naturaes da Nova Zelandia, parece não terem idéa de um Deus supremo; a crença em um Deus unico repugna á sua idolatria. « Não ha entre vós, dizia um chefe do paiz aos europeus, fallando a respeito da sua religião, uns homens que são carpinteiros, outros ferreiros e outros constructores navaes? pois assim foi no principio do mundo: um fez isto, outro aquillo; Tane formou as arvores; Ru, as montanhas; Tangaroa, os peixes. A vossa religião é de hoje, a nossa pertence á mais remota antiguidade.»

Esta religião da antiguidade mais remota formada de lendas e tradições póde considerar-se como um paganismo completo que indica a sua procedencia do fetichismo e que termina no idealismo. As tradições da Nova Zelandia estabelecem seis periodos successivos para a criação; o periodo do pensamento, o da noite, o da luz, o da terra, o dos deuses e o dos homens. A geração das idéas abstractas precede a das realidades concretas; assim da concepção veio o producto, e, por uma serie de emanções, nasceram o pensamento, a memoria, a consciencia e o desejo. A palavra deu fructo e produziu a noite, a profunda, a sublime, a impalpavel noite, em cujo reinado não ha vista no mundo. O quarto periodo, começa com o nada que faz nascer a força productiva e a abundancia, e chega a ser o remoto progenitor da athmosphera, do firmamento, da lua e do sol collocados no espaço como os principaes olhos do céu, da aurora, da manhã, do meio dia e do esplendor do dia. Com a athmosphera e a humidade termina a genealogia metaphysica e começa o fetichismo; Rangi, o céu, filho da humidade, dorme com Papatwanaku, a superficie externa, a terra. O céu e a terra foram paes dos deuses da luz; porque havia duas grandes ordens de deuses, a primeira e a mais antiga das quaes, era a dos deuses da obscuridade, cuja avó commum era Hinenui-te-po, a noite.

Os habitantes da Nova Zelandia creem que o céu é um corpo solido e opaco, estendido sobre a terra, a qual imaginam que é plana como uma taboa. Contam dez ou onze céos distinctos uns dos outros; o mais baixo, separado da terra por uma substancia solida e trasparente, semelhante a gelo ou a cristal, é o que contem a chuva. Uma vez Tawaki rompeu o pavimento d'este céu bailando sobre elle e a chuva caio sobre a terra e produziu um diluvio. Dos outros céos apenas se mencionam o dos ventos, o dos espiritos e o mais alto e mais glorioso de todos, o céu da luz, a morada principal dos deuses.

Os primeiros descendentes de Rangi e de Papa foram objectos inanimados, Kumava, a batata e o feto, que ama a obscuridade, porque no principio o céu e a terra estavam tão fortemente adheridos um a outro, que a luz não podia penetral-os, e os seus filhos viam-se obrigados a viver na obscuridade. O primeiro ser vivente que produziram, foi Tane ou Tane-mahuta, pae das arvores, dos pas-

saros e dos insectos da selva; o segundo foi Tiki, pae dos homens, talvez designado com mais exactidão com o nome de Haumiatiki-tiki, deus do alimento não cultivado dos homens. O crepusculo não parece ter nascido n'aquella época; diz-se que foi formado pelo calor vacillante do sol e do echo. O terceiro filho de Rangi e Papa foi Tutenganahau, o auctor do mal, ou, talvez mais correctamente, Tumata-uenga, o deus dos homens e da guerra. O quarto filho foi Tuhu, o auctor do bem, ou, segundo uma variante, o deus do alimento cultivado dos homens. Tawirimatea, é o nome do pae dos ventos e Tangaroa, o do deus dos peixes e pae do Oceano; o nome de Tangaroa é um adjectivo, que um pouco modificado em sua fórma, encontra-se tambem em outras ilhas da Polynesia, como Tonga, Tahiti e Hawaii.

Cansados da continua obscuridade, os filhos de Papa e de Rangi, imitando, sem saber, os Titães da fabula, resolveram formar um conselho para decidirem o que havia a fazer com seus paes para darem fertilidade á terra. O deus do mal ou da guerra opinou que deviam matal-os, mas o deus dos bosques foi de parecer que os separassem á força. Todos os irmãos consentiram n'esta ultima proposição, excepto o deus dos ventos, que se oppoz violentamente a este divorcio primitivo, apoiado, além d'isso, por seus filhos os ventos poderosos; e temendo que o mundo podesse chegar a ser demasiado bello, produziu a guerra dos elementos pela primeira vez na disputa que teve com seus irmãos sobre a separação de seus paes. Esta separação foi, em parte, effectuada por Tutenganahau ou Tumata-uenga, e, em parte, por Tane-mahuta, que firmou a cabeça em sua mãe, a terra, e apoiou os pés contra seu pae, o céu. D'este modo o céu e a terra ficaram separados por Tane, deus das selvas, e a noite e o dia se differencaram um do outro; ainda que, porém, separados para sempre por seus desobedientes filhos, diz a poesia mythologica do paiz, o céu e a terra conservam, todavia, o seu mutuo amor. Os suaves e ardentes suspiros que exhala a terra elevam-se sempre para o céu desde as montanhas e valles cobertos de bosques, e é o que os homens chamam nevoas; e o vasto céu, quando durante as largas noites chora a separação da sua amada, derrama frequentemente lagrimas sobre o seu seio e os homens, ao vel-as, dão-lhes o nome de rocio.

Esta curiosa tradição não está limitada á Nova Zelandia; encontramol-a, igualmente, em Tahiti, onde tambem achamos os deuses Tane e Tiki e Hine-nui-tepo ou a avó noite, e onde chamam Ru ao deus que por meio da modesta planta *dracocnium polyphyllum* levantou o céu, que, até então, tinha estado unido com a terra.

(Continua)

EPITAPHIO

No sepulchro de um rei de Chypre, lia-se em grego o epitaphio que segue:

Todo o tempo que os immortaes deuses me deram de vida, esta foi a ordem que tive em governar a minha republica.

*O que pude fazer por bem, não o fiz por mal.
O que pude alcançar com paz, nunca o tomei com guerra.*

Aos que pude vencer com rogos, nunca os espantei com ameaças.

O que pude remediar em segredo, nunca o castiguei em publico.

Aos que pude emendar com avisos, nunca os lastimei com açoutes.

A nenhum jámais castiguei em publico, que primeiro o não avisasse em segredo.

Nunca consenti que a minha lingua dissesse mentiras, nem permitti que meus ouvidos ouvissem lisonjas.

Refreei o meu coração a que não desejasse o alheio, e persuadi-lhe a que se contentasse com o seu proprio.

Trabalhei por consolar aos amigos, e desvelei-me por não ter inimigos.

Não fui prodigo em gastar, nem cobiçoso em receber.

Nunca a uma cousa castiguei, sem que primeiro não perdoasse quatro.

Do que castiguei tenho pena, e pelo que perdoei tenho alegria.

Nasci homem entre os homens, por isso comem minhas cinzas aqui os bichos.

Fui virtuoso entre os virtuosos, e por isso descança o meu espirito com os deuses.

(Extrahido da *Escola decurial* de D. Fradique Espinola).

A nobresa é um verme que careia insensivelmente a liberdade. MACHIAVEL.

VISÕES À BEIRA D'AGUA.

... the lover and the poet
Are of imagination all compact.
SHAKSPEARE.

Hontem, que o sol se escondia
atrás do viso do monte,
fui sentar-me ao pé da fonte,
a recordar-me... de ti!
Às veses, se a um bello dia
foge a doce claridade,
dá-nos tão funda saudade
como eu hontem a senti.

O sol não quero pintar-te,
quando, involto em véus purpúreos,
banha da serra os lugurios
com seu ultimo clarão...
pois falta-me ingenho e arte,
e tu já sabes que aneio,
a essa hora, no seio
nos agita o coração!

E eu sentei-me à beira d'agua!
o crystal adormecido
era um espelho esquecido,
e, mais claro, nunca o vi.
Eu quiz ver se a minha mágua
no rosto lavrara fundo:
um pouco esqueci o mundo,
e a mirar-me... adormeci.

Sonhei. Hálito p'regrino
vinha alli de ao pé da fonte—
refrigerava-me a fronte,
descia-me ao coração:
era um hálito divino,
como os que às veses nos calma
as ardentes febres d'alma,
soffridas na solidão.

Ergui de prompto a cabeça,
julgando ver-te a meu lado,
de meu peito maguado
a bafejar tristes ais...
Illusão!—a aura travessa
é que soprava contente
sobre a limpida corrente,
e entre os virides junças.

E eu de novo dormitava.
Mas, como vaga harmonia,
não sei que voses ouvia,
que alguém me vinha dizer:
falas taes eu escutava,
que o mundo, tão doces falas,
não sabe pronucial-as,
nem intedel-as sequer!

Acreditei por momentos
que éras tu quem murmurava
o himno que me incantava...
e acordei mais uma vez!
chamaram-me esses acentos,
mas, ah! por desdita minha,
era a limpida fontinha
quem murmurava a meus pés.

Poucos instantes passados,
de novo inclinei a fronte
por sobre o espelho da fonte;
e não sei se adormeci:
meus olhos meio-cerrados,
no fundo da agua entrevia
meigo rosto que sorria
os sorrisos de uma houri.

E eu julguei que nessa hora
tu te estavas remirando
no crystal sereno e brando,
sorrindo-te para mim;
mas triste de quem te adora,
preso sempre a imagem tua!
— quem me sorria era a lua,
lá dos espaços sem fim.

E ao meditar um instante
sobre o desengano amargo,
cai de novo em letargo,
e vi das aguas no azul
uma ignota luz brilhante,
que espargia seus fulgores,
como os olhos tentadores
de uma filha de Stambul.

E então cri, com cega crença,
que eram teus olhos risonhos
essa luz, que eu via em sonhos,
do mais vivido esplendor:
pois quem nos teus olhos pensa,
de prompto a mente lhe acode
que tal luz ninguem ter pôde,
senão, tu, meu sol de amor!

Sim, a luz que brilha e arde
nos teus olhos de gasella,
eu jurava ser aquella
que eu via nos sonhos meus.
Mas... era a estrella da tarde,
que, nas orlas do horisonte,
se escondia atrás do monte,
enviando-me um adeus!

Bem vês que a minha existência
enlutam estes enganos—
olha não passem os annos,
sem que o sol rompa d'alem...
Bem vês que os prantos da ausencia
só murcharão nos teus braços:
anjo, divide os espaços,
sacode essas asas, vem.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.